

WAGNER G. BARREIRA

**LAMPIÃO
& MARIA
BONITA**

**UMA
HISTÓRIA
DE AMOR
E BALAS**

 **Planeta**

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Wagner Gutierrez Barreira, 2018

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018

Todos os direitos reservados.

Preparação: Juliana Rodrigues

Revisão: Huendel Vianna e Project Nine Editorial

Revisão técnica: João de Sousa Lima

Diagramação: Project Nine Editorial

Capa: Tereza Bettinardi

Imagem de capa: Benjamin Abrahão Botto / Imagem Brasil

Cartografia: Sonia Vaz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Barreira, Wagner Gutierrez

Lampião & Maria Bonita : uma história de amor e balas /

Wagner Gutierrez Barreira. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2018. 224 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-422-1453-6

1. Lampião, 1900-1938 2. Cangaceiros - Biografia 3. Mossoró (RN) - História 4. Brasil - História I. Título

18-1702

CDD 981.32

Índices para catálogo sistemático:

I. Brasil : História : Lampião

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

*Para Mariana, Lui, Maria e Bernardo,
pelo tempo roubado e apoio permanente.*



Inútil agredi-lo ou emprestar-lhe virtudes que ele não entende, adulá-lo, fazê-lo combater os grandes, proteger os pequenos, casar donzelas comprometidas. Lampião não se corrigirá por isso: permanecerá mal de todo, insensível às balas, ao clamor público e aos elogios, uma das raras coisas completas que existem neste país.

Graciliano Ramos

Alguns a ela se referem como a “Madame Pompadour do Cangaço”, como a “Senhora da floresta encantada”, como a “Mulher Maravilha do Sertão”; outros, como a americana Bonnie, de Clyde.

Muitos veem nela, com justiça, o outro olho de Lampião.

Maria Lúcia Dal Farra



SUMÁRIO

1. O SAL E A FICÇÃO COLETIVA	11
2. QUEM É QUEM.....	19
3. CABEÇAS CORTADAS	25
4. VIRGULINO	41
5. APRENDIZ DE CANGACEIRO.....	57
6. LAMPIÃO.....	69
7. GOVERNADOR DO SERTÃO	89
8. REVIVIDO	121
9. MARIA DE DÉA	141
10. CANGACEIRAS.....	151
11. MARIA BONITA.....	173
12. JAZZ NO SÃO FRANCISCO.....	187
AGRADECIMENTOS.....	202
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	205
NOTAS	211

O reinado de Lampião



- 1 Nasce Virgulino Ferreira
04/07/1898
- 2 Morte de Maria Lopes e José Ferreira,
pais de Virgulino
maio/junho de 1920
- 3 Assalto à casa da Baronesa
de Água Branca, primeira ação
sob comando de Lampião
26/06/1922
- 4 Lampião torna-se capitão dos
Batalhões Patrióticos e recebe armas
e munição do Ministério do Exército
março de 1926
- 5 Lampião trava e vence sua maior batalha
26/11/1926
- 6 Invasão da cidade é repelida
pelos moradores
13/06/1927
- 7 Lampião e cinco cangaceiros cruzam o
rio São Francisco para escapar da polícia
21/08/1928
- 8 Lampião é morto pela volante
de João Bezerra
28/07/1938

Área de atuação de Lampião

■ TERESINA

MARANHÃO

PIAUI

Sobradinho Petrolina
Oliveira Juazeiro

Sento Sé

Senhor do Bonfim •

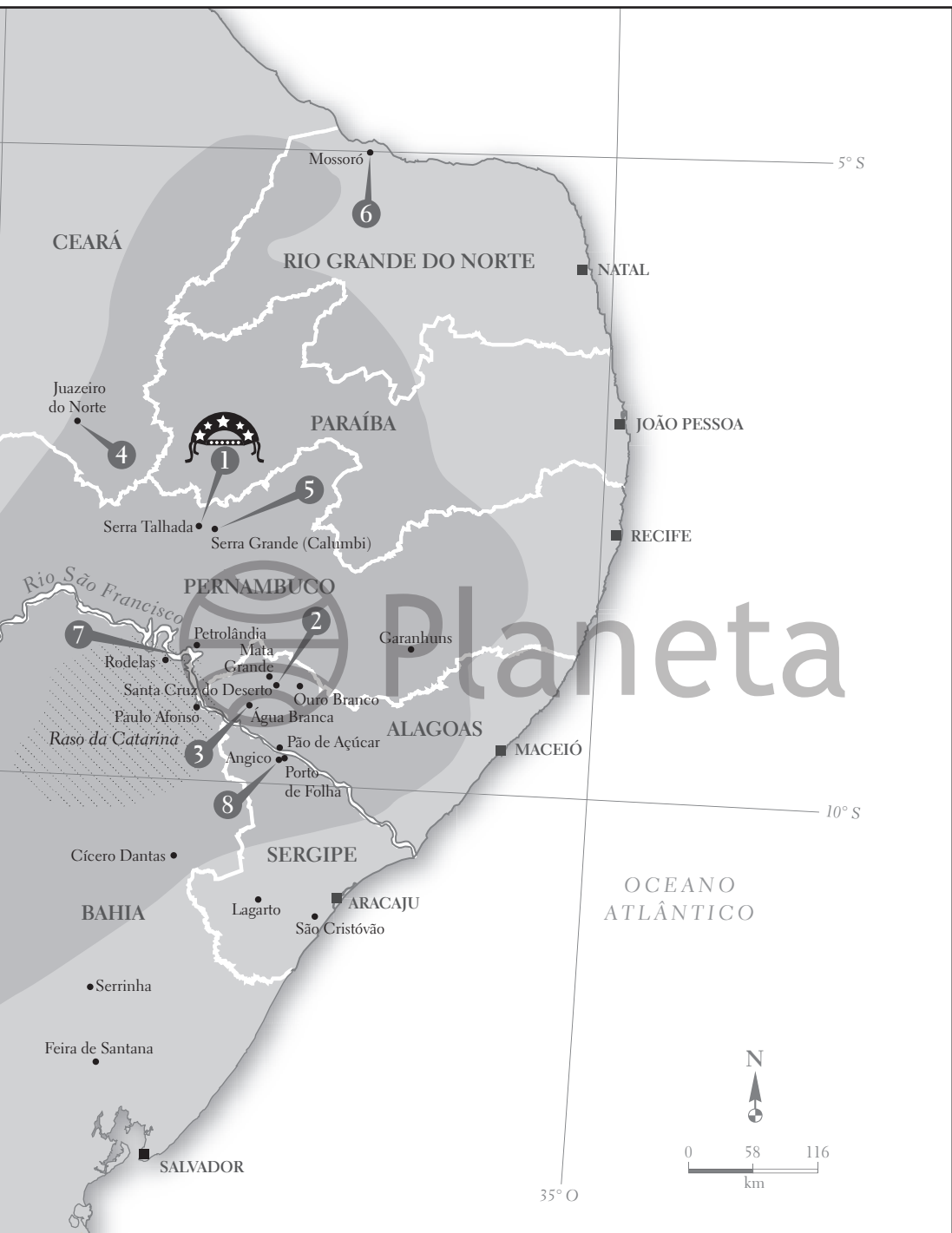
Jacobina •

BAHIA

Rio São Francisco

45° O

40° O





Planeta

1



Planeta

O SAL E A
FICÇÃO COLETIVA



No meio de uma tarde de novembro de 2017, estudantes do ensino médio do alto sertão pernambucano, das ribeiras do rio Pajeú, ouviam atentos a palestra sobre as implicações do cangaço na cultura. Estavam no auditório anexo ao Museu do Cangaço, em Serra Talhada, depois de um dia cheio – chegaram cedo, de ônibus, vindos de cidades vizinhas. Visitaram a casa de Lampião, as ruínas da sede da fazenda do inimigo número 1 de Virgulino Ferreira, a formação rochosa da primeira tocaia contra o futuro cangaceiro. Almoçaram enquanto assistiam a uma apresentação de xaxado e depois visitaram as três salas do museu antes de começar a palestra. Na hora inevitável das perguntas que sucede as apresentações, uma adolescente levantou a mão, fugiu do tema e quis saber sobre “a história do sal”. O episódio já apareceu em filmes, livros e ainda vive no imaginário dos nordestinos, repetido por gerações. Conta que Lampião e seus sequazes chegaram à noite a uma fazenda. Pediram algo para comer à dona da casa, que se dispôs a cozinhar e serviu o que tinha na cozinha. A certa altura do jantar, um dos bandoleiros reclamou: a comida estava insossa. O Rei do Cangaço, discretamente, enviou um rapaz à venda mais próxima, recebeu a encomenda e, em silêncio, levantou-se, abriu os dois pacotes de sal e despejou o conteúdo no prato do insatisfeito. “Coma”, ordenou.

Com sua moral edificante, a “história do sal” parece mais uma fábula. Mas talvez não tenha o protagonismo de Lampião.

Alguns historiadores a atribuem a outros cangaceiros, anteriores a ele. Variações mudam o ingrediente, para farinha ou pimenta. Pelo tempo necessário para encontrar a venda mais próxima de uma fazenda no sertão nordestino e a deglutição de um prato feito diante dos olhos de alguém esfomeado, a ação parece mesmo muito inverossímil. Mas o mito do sal no prato do cangaceiro reclamão se repete, continua a ser contado longe dos cânones da historiografia. Ele é, hoje, uma história de Lampião.

Em 1931, mesma época em que o Rei do Cangaço reafirmava sua liderança fora da lei nos sertões da Bahia, o jornalista ucraniano Ilya Ehrenburg estava sentado em um café, em Madrid, diante de outro homem extraordinário, o anarquista Buenaventura Durruti. “Nenhum autor teria ousado escrever a história da sua vida; lembraria demais um romance de aventuras”, anotou em seu caderno. Durruti foi condenado à morte em três países, conheceu e fugiu de incontáveis presídios, liderou a resistência catalã às tropas de Francisco Franco. Morreu em 1936, a caminho da frente de batalha, provavelmente pelas mãos de comunistas, em mais um dos tantos mistérios da Guerra Civil Espanhola.

Virgulino Ferreira da Silva se foi em 1938, pouco antes de o general Francisco Franco vencer os republicanos e instaurar uma ditadura que durou quarenta anos na Espanha. Lampião estava em um vale isolado, no estado de Sergipe, próximo do rio São Francisco. Como a de Durruti, sua história lembra um romance de aventuras. Pródiga, distinta de todas as outras, tão individual e acessível, tão necessária que ele leu a primeira biografia a seu respeito – e chegou a apontar incorreções. Depois vieram novos livros. Hoje, calcula-se que sejam mais de 1.500, sem incluir teses acadêmicas, estudos teóricos em publicações especializadas, artigos em jornais e revistas, cordéis. Os primeiros livros, na maioria, são de personagens que conviveram com Lampião, alguns o combateram. Antônio Amaury, dentista

em São Paulo, autor de mais de uma dezena de obras sobre o cangaço, depois de seguidas aventuras pelas brenhas do sertão nos anos 1960 e 1970, garante ter ouvido 7 mil testemunhas dos eventos. Há sólidos estudos acadêmicos sobre Lampião (alguns estão nas referências bibliográficas) e o interesse pelo cangaço, tão específico, restrito a um tempo, o fim do século XIX e início do XX, e a um espaço, a caatinga nordestina, atrai pesquisadores norte-americanos e europeus até hoje.

O filósofo alemão Hans Magnus Enzensberger criou um “romance” sobre Buenaventura Durruti, colando depoimentos, notícias de jornal, documentos de época e outras fontes. Em seu “Primeiro Comentário” – os comentários são recursos que usará ao longo da obra para religar e dar sentido aos textos-colagem do livro –, ele relata como é enfrentar o desafio de escrever sobre um personagem que cresceu além da própria existência física. “A História é uma invenção para a qual a realidade fornece os elementos. Não é, porém, uma invenção arbitrária”, afirma. “Só o verdadeiro sujeito da história deixa sua sombra. E esta sombra é projetada como ficção coletiva.”

A história de Lampião é ficção coletiva, contada há quase um século por narradores e protagonistas dos eventos que, por vezes, moldam a História às suas necessidades, convicções e ambições, por autores que tomam partido ou simplesmente escancaram a ficção. Há de tudo nas narrativas, um arco que vai do herói sertanejo que combateu desigualdades, passa pelo homem de negócios que transformou o cangaço em meio de vida e chega ao assassino sanguinário, ao bandido sem escrúpulos. São formas justas e possíveis de tratar de um sujeito complexo feito Lampião, que foi tudo isso – e muito mais.

A propósito, os alunos de ensino médio em visita a Serra Talhada não conheceram a casa em que nasceu o cangaço, mas a de sua avó, restaurada, a 100 metros de distância, de onde mal se veem as ruínas das fundações. Nem

mesmo as rochas do primeiro combate são testemunhas minerais – os disparos ocorreram em outro local, de difícil acesso a excursões. A casa dos pais de Maria Bonita, no norte da Bahia, foi restaurada e transformada em museu em 2006. Hoje, descendentes da família da cangaceira que vivem em uma habitação vizinha abrem as portas quando aparecem turistas e pesquisadores – o grosso dos frequentadores são estudantes da região de Paulo Afonso.

Lampião deu poucas entrevistas ao longo da vida. Maria Bonita só se tornou conhecida depois de desfazer seu casamento e se unir ao bandido mais famoso de seu tempo. As notícias de jornal (de quase todas as capitais nordestinas) ecoam um personagem visto de longe, cujos valores, princípios e modo de vida nada têm a ver com os do jornalista que escreveu o artigo – são dois mundos distintos, quase antagônicos. Até documentos oficiais são suspeitos por minimizar danos e vender uma visão edulcorada da polícia. Nesse cenário confuso, Lampião aparece desenhando seu destino. Com sua voz pausada, grave e baixa, deixa vaziar o que interessa. Posa para fotos, torna-se astro de um filme jamais exibido ao grande público. Interage. Ao se olhar para o que se produziu sobre ele, a vista embaralha. Dados equivocados, erros geográficos, informações contraditórias, cronologias impossíveis aparecem nos livros sobre o cangaceiro, sem contar as múltiplas versões para o mesmo episódio. Há, por exemplo, uma tórrida descrição da noite de núpcias de Maria Bonita e Lampião feita por um padre. Quem terá sido sua fonte? Uma invenção do mesmo autor, a de que o nome Virgulino deriva de vírgula – “[...] e, por causa disso, segundo o padre que o batizou, ele um dia poderia parar o sertão”, como diz a guia que leva turistas ao local da morte do cangaceiro em Sergipe –, continua sendo repetida, ainda que não faça sentido e pareça impossível conhecer o que disse o padre no dia do batizado de um filho de agricultor do sertão pernambucano no fim do século XIX.

A historiadora francesa Élise Jasmin, com base em depoimentos de quem conviveu com o cangaceiro, identificou três certezas sobre Lampião: a pele escura, as cicatrizes das batalhas e o olho ruim. Não é pouco, diante da riqueza de contradições do personagem. Passados mais de oitenta anos da morte na grota de Angico, sua história continua a ser escrita. Pergunte a alguém do sul do Brasil quem foi Lampião. A imagem do cangaceiro, ainda presente, está esmaecida – assemelha-se a alguém de uma realidade geográfica distante, um “bandido importante” de um tempo e lugar que não existem mais. Ele foi contemporâneo do movimento tenentista, esbarrou na Coluna Prestes, conheceu e negociou com o Padre Cícero, tornou-se, por ordem do religioso de Juazeiro, capitão do Batalhão Patriótico financiado com verbas do Exército brasileiro, testemunhou a transição da República Velha até o Estado Novo (foi amigo do interventor getulista de Sergipe), apareceu em documentos da Internacional Comunista como modelo de guerrilheiro popular, transformou-se em inimigo número 1 de um governo que, ao modo autoritário de Getúlio Vargas, pretendia projetar o país no futuro. Cabe especular o que seria do Brasil se Lampião resolvesse escolher uma trajetória como a de Pancho Villa no México, quase na mesma época, depois de conversar com Luís Carlos Prestes na caatinga (o encontro nunca ocorreu porque o líder tenentista não deixou prosperar a proposta de cooptar o cangaceiro). Lampião, em seu mundo sertanejo, teve vida épica em uma era confusa em todas as latitudes: o New Deal americano e seus gângsteres, o crescimento dos movimentos nacionalistas na Europa, o protagonismo dos partidos comunistas depois da Revolução Bolchevique.

Lampião é um sujeito raríssimo cuja história não se encerra. Circunscrito a seu ambiente, o semiárido nordestino, Virgulino Ferreira da Silva, bandido, assassino, terrível, encontrou Maria de Déa, inquieta, aventureira, recém-separada. A união

da dupla e o cotidiano entre seus seguidores apresentou ao país, preocupado em ser moderno, uma forma diferente, assustadora e sedutora, de viver. Gênio militar inato, galanteador, sábio, pernóstico, malvado, justo. Quantas pessoas foram capazes de reunir tantos defeitos e qualidades? Quantas mulheres abandonaram tudo para seguir o grande amor, arriscando a própria vida? Testemunhada, contada, recontada, reescrita, a história de amor entre Lampião e Maria Bonita, um legítimo romance de aventura, só podem ser projetados como ficção coletiva, erguido sobre as fundações deixadas por tantos outros narradores que se aventuraram a contar sua história.

* * *

Ainda existem imensas lacunas na historiografia do cangaceiro. Talvez a maior delas seja o número de mortes que causou. Não há uma conta exata e poucos se arriscaram a numerar a quantidade de assassinatos. Optato Gueiros fala em mais de mil.¹ Oleone Fontes, em *Lampião na Bahia*, contabiliza cerca de duzentas a partir de 1928. Entre quem vê Lampião como um guerreiro defensor dos mais pobres e os que ressaltam seu perfil de matador impiedoso, o cronista Rubem Braga, em artigo ao *Diário de Pernambuco*, em 2 de fevereiro de 1935² – o cangaceiro ainda vivo, portanto –, talvez tenha encontrado o caminho do meio: “Lampião, que exprime o cangaço, é um herói popular do Nordeste. Não creio que o povo o ame só porque ele é mau e bravo. O povo não ama à toa. O que ele fez corresponde a algum instinto do povo. Há algum pensamento certo atrás dos óculos de Lampião: suas alpercatas rudes pisam algum terreno sagrado”.

2



Planeta

QUEM É QUEM



Um guia dos principais personagens que aparecem neste livro.

Os parentes

José Ferreira – almocreve e agricultor, pai de Lampião.

Maria Lopes – mãe de Lampião.

Antônio Ferreira – cangaceiro, irmão mais velho e segundo em comando.

Livino Ferreira – irmão, também cangaceiro.

Ezequiel Ferreira – irmão, entrou para o cangaço mais tarde e morreu na Bahia.

João Ferreira – o único irmão que se manteve fora do cangaço.

Manuel Lopes – tio, inspetor de quartirão, espécie de delegado, em Serra Talhada.

Antônio Matilde – tio, cangaceiro.

Virgínio – cunhado de Lampião e cangaceiro.

Zé de Felipe – pai de Maria Bonita.

Maria Joaquina Conceição de Oliveira – a Déa, mãe de Maria Bonita.

José Miguel da Silva – o Zé de Neném, primo e marido de Maria Bonita.

Expedita – filha de Lampião e Maria Bonita.

Os inimigos

João Bezerra – tenente que comandou a tropa que matou Lampião e Maria Bonita.

José Saturnino – vizinho da família Ferreira e primeiro inimigo.

Optato Gueiros – sargento da força pernambucana que conheceu Lampião e escreveu uma biografia do cangaceiro.

Manuel Gomes Jurubeba – subdelegado da Vila de Nazaré (PE), líder dos nazarenos.

João Flor – líder dos nazarenos.

Manoel Neto – nazareno, um dos maiores perseguidores de Lampião.

José Lucena de Albuquerque Maranhão – sargento e mais tarde chefe da polícia de Alagoas. Lampião o responsabilizou pela morte do pai.

Clementino Quelé – ex-cangaceiro que entrou para a polícia.

Teófanés Ferraz Torres – chefe das forças volantes de Pernambuco.

José Rufino – sanfoneiro, entrou para a polícia depois de recusar convite de Lampião para aderir ao grupo.

Os cangaceiros

Corisco – o último cangaceiro, sobreviveu ao fogo de Angico e tentou vingar a morte de Lampião, de quem era compadre.

Luís Pedro – compadre e velho amigo, prometeu morrer ao lado de Lampião. Pagou a promessa.

Zé Baiano – cangaceiro, ferrador de mulheres, líder de subgrupo de Lampião.

As cangaceiras

Sila – adolescente, esteve com Maria Bonita na véspera da morte do casal.

Dadá – companheira de Corisco, comadre de Lampião e Maria Bonita, criou boa parte da estética do cangaço nos anos 1930.

Lídia – assassinada a pauladas pelo cangaceiro Zé Baiano.

Os coronéis

Isaías Arruda – cearense, foi aliado e depois traiu Lampião.

Petronilio de Alcântara Reis, baiano, aliado e depois inimigo de Lampião.

Antônio Caixeiro – sergipano, grande protetor de Lampião.

Erônides Ferreira de Carvalho – filho de Caixeiro, capitão do Exército, governador e depois interventor de Sergipe.

Antônio Sá – baiano, aliado de Lampião.

Outros personagens

Sinhô Pereira – chefe do grupo ao qual se juntou Lampião, a quem nomeou sucessor.

Padre Cícero – religioso e político. Com sua bênção, Lampião se tornou capitão dos Batalhões Patrióticos, ganhou armas modernas, munição e uniformes militares.

Benjamin Abrahão – fotógrafo e documentarista sírio, ex-secretário do Padre Cícero, filmou cenas do cangaço.

